

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v13i21.516>

ELOGIO, IMPERIALISMO E DISSIMULAÇÃO: os relatos franceses e a natureza brasileira no século XIX^{1,2}

PRAISE, IMPERIALISM AND DISSIMULATION: the French reports and Brazilian nature in the nineteenth century

ELOGIO, IMPERIALISMO Y DISIMULACIÓN: informes franceses y la naturaleza brasileña en el siglo XIX

LUIS FERNANDO TOSTA BARBATO

Doutor em História pela Unicamp/Professor do IFTM

Patos de Minas/MG/Brasil

lfbarbato@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar os discursos sobre a natureza brasileira publicados na *Revue des Deux Mondes*, no século XIX. A partir desse estudo, buscaremos mostrar que, mesmo quando havia o elogio às belezas tropicais brasileiras, os discursos de dominação, próprios de um século marcado por imperialismos, como foi o século XIX, ainda estavam presentes, embora de maneira dissimulada. Assim, através da análise desses escritos, poderemos entender que havia a intenção de marcar a diferença entre o Brasil tropical e a Europa, ressaltando que, por mais belo que o país fosse, ele não era a Europa, o que o colocava em patamares de inferioridade em relação às grandes potências europeias.

Palavras-chave: História Cultural. Relatos de Viajantes. Natureza.

Abstract: This article aims to analyze the discourses about the Brazilian nature published in the *Revue des Deux Mondes* in the nineteenth century. From this study, we intend to show that even when there was the compliment for Brazilian tropical beauties, the discourse of domination, typical of a century marked by imperialism, as the nineteenth century was, it was present yet, even though in a dissimulated way. Thus, by analyzing these writings, we can understand that there was an intention to make a difference between tropical Brazil and Europe, pointing out that no matter how beautiful the country was, it was not Europe, which placed it at levels of inferiority in relation to the great European powers.

Keywords: Cultural History. Reports of travelers. Nature.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar los discursos sobre la naturaleza brasileña publicados en la *Revue des Deux Mondes* en el siglo XIX. A partir de este estudio, vamos a intentar demostrar que incluso cuando había elogios para las bellezas tropicales de Brasil, el discurso de la dominación, propios de un siglo marcado por el imperialismo, como en el siglo XIX todavía estaban presentes, aunque en una forma disfrazada. De este modo, a través del análisis de estos escritos, entendemos que hubo una intención de hacer una diferencia entre Brasil tropical y Europa, señalando que, por muy bello que el país era, no era Europa, lo que puso en los niveles de inferioridad en comparación con las grandes potencias europeas.

Palabras clave: Historia de la Cultura. Informes de viajeros. Naturaleza.

¹ Artigo submetido à avaliação em dezembro de 2015 e aprovado para publicação em maio de 2016.

² Este trabalho contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

_ Quando eu uso uma palavra – disse Humpty Dumpty num tom escarvinho – ela significa exatamente aquilo que eu quero que signifique... nem mais nem menos.
 _ A questão – ponderou Alice – é saber se o senhor pode fazer as palavras dizerem coisas diferentes.
 _ A questão – replicou Humpty Dumpty – é saber quem é que manda. É só isso.

Lewis Carrol - *Alice no País das Maravilhas*

Neste artigo temos o objetivo de estudar as representações³ acerca do Brasil, com ênfase nos relatos sobre sua natureza tropical, dentro dos escritos publicados na *Revue des Deux Mondes*, um dos mais destacados periódicos do século XIX, ressaltando as impressões que os viajantes franceses que estiveram no Brasil, a cargo da revista, deixaram sobre a natureza que encontraram, distinta daquela que conheciam na Europa.

Tal questão enquadra-se dentro dos estudos que trazem a importância da natureza brasileira para a formação de uma identidade nacional brasileira, que começou a ser gestada nesse mesmo século XIX, uma vez que suas belezas, sua riqueza e a atenção que despertava sobre os olhares dos estrangeiros acabaram por servir como uma das marcas do orgulho e da unidade nacionais que deveriam estar presentes na pressuposta identidade nacional⁴.

E nesse sentido, os relatos de viajantes foram densamente explorados a fim de corroborar esse ideal oitocentista, de mostrar – e comprovar – que a natureza brasileira realmente era bela e merecia figurar entre os alicerces que formavam essa pretensa identidade nacional para o Brasil. E nessa perspectiva, alguns dos relatos de viagem produzidos por estrangeiros, que acabaram por integrar toda essa carga comprobatória que a historiografia do

³ Segundo Roger Chartier, as representações do mundo social são construídas de maneira que determinadas ligações – essas em relação com os interesses dos grupos responsáveis por tal elaboração – se mantenham. Deste modo, as percepções sociais não se mostram como discursos neutros, mas sim estão ligadas à produção de estratégias e práticas que tendem a impor certa autoridade, ou seja, a legitimar ou justificar projetos, escolhas e condutas. Cf. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17.

⁴ Cf. SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990; VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil 1870 – 1914*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991; NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Sobre o campo e a cidade - olhar, sensibilidade e imaginário: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas: [s.n.], 1999; BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira (1839-1889)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

século XIX tanto exigia, foram aqueles deixados pelos viajantes da *Revue des Deux Mondes*, como dissemos, um dos mais destacados periódicos dos oitocentos⁵.

Vale ressaltarmos que *Revue des Deux Mondes* foi fundada, em 1829, com um objetivo já traçado: buscar o outro – no caso os povos estrangeiros visitados pelos colaboradores da *Revue* espalhados por todo o globo – como forma de conhecê-los, a fim de trazer para a França aquilo que de melhor havia no exterior, contribuindo assim para uma melhor organização e desenvolvimento da própria sociedade francesa. Nesse sentido, as palavras escritas pelos seus próprios fundadores nos revelam esse intuito:

Em um século todo positivo, em uma sociedade que tende a aperfeiçoar sua organização e que procura com vontade quem possa iluminar seu andamento, uma empresa como essa deveria ser tentada. Não é de teorias administrativas que a França tem mais necessidade, é da administração prática. É importante então conhecer bem o que se passa ou que se passou com outros povos, a fim de adotar algo de suas instituições que se aplique a nossos costumes, a nosso caráter, ao progresso de nossas luzes, à posição geográfica de nosso território. A *Revue des Deux Mondes* será isenta do espírito do sistema que frequentemente rege o trabalho desses literários nômades que viajam e escrevem tão rapidamente⁶.

E dentro dessa proposta, de conhecer o outro – e, assim, o próprio título do periódico já nos é bastante revelador, pois já deixa claro que uma distinção entre dois mundos estava posta –, o Brasil também foi objeto de interesse dos viajantes da *Revue*, e é desses escritos que estamos falando, pois é inegável que eles eram muito lidos e não deixaram de inspirar aqueles homens de ciências e letras do século XIX que almejavam esse Brasil unitário e reconhecível entre seus próprios habitantes, marcado por belas paisagens tropicais⁷.

Desse modo, o clima tropical surge como elemento de destaque nesse cenário no qual representações e identidades ganhavam espaço, pois, na busca por caracteres capazes de mostrar as singularidades do país e de alavancar os brios de se pertencer a um lugar especial, ganham destaque nos oitocentos brasileiros sedentos por uma identidade nacional as belas paisagens proporcionadas pela natureza tropical, o clima quente e agradável e as riquezas desta terra, que, conforme grande parte da historiografia dedicada ao século XIX brasileiro ressalta, formam um dos principais alicerces sobre os quais se fundaram a identidade nacional brasileira. E, assim, de gerar belas impressões, que fomentavam esses sentimentos

⁵ BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Entre preconceitos, conceitos e impressões: o Brasil e sua condição tropical na Revue des Deux Mondes (1829-1977)*. Campinas, SP: [s.n.], 2015. p. 186-230.

⁶ ANÔNIMO. Avertissement. *Revue des Deux Mondes: Recueil de la Politique, de l'Administration et de Moeurs*, v. 1, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829, pp. vi-vii. Apesar de no texto não haver menção de autoria, presume-se que tenha sido escrito por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron, diretores da revista à época. Todos os trechos presentes nesse artigo são traduções minhas.

⁷ BARBATO. *Entre preconceitos...* op. cit., p. 197-199.

nacionalistas, é inegável que os franceses da *Revue* deram sua contribuição, afinal, eles também ressaltaram isso, de maneira até mesmo exaustiva.

No entanto, em um primeiro momento, a questão era mais complicada do que parece ser, como veremos, por mais que tratemos dos elogios desferidos pelos viajantes franceses da *Revue* sobre a natureza tropical brasileira. Isso porque, ao tratarmos dos trópicos brasileiros no jogo de poderes característico do século XIX, extravasamos a simples noção de elemento geográfico que é o clima tropical – ou a zona tropical – em si, composto por elementos físicos mensuráveis, como temperatura, pressão atmosférica e umidade, o que redundava em todo um mundo natural característico, para cairmos em uma análise que se pauta no clima tropical – ou na tropicalidade – como um lugar semântico, que abarca também uma série de fatores colaterais decorrentes da condição tropical, como fatores econômicos, culturais e sociais⁸.

Ou seja, ao tratarmos do clima brasileiro, ou dos trópicos brasileiros, trataremos de um espaço discursivo marcado principalmente pela diferença em relação ao clima temperado europeu, seu contraponto. Dessa maneira, os trópicos não existem unicamente como zona climática da terra, mas também como construções discursivas, de maneira a marcar todo um determinado lugar, em um jogo de discursos e dominações presentes no século XIX, para não estendermos a outros recortes temporais.

Assim, ser tropical significava muito mais do que estar localizado entre as latitudes 23°26'16" Norte e Sul do globo terrestre, o que garante uma maior insolação durante o ano. Ser tropical significava também uma série de outras questões, como ser preguiçoso, ser mais dado aos prazeres da carne, ser mais imprevidente, ser menos sisudo, ser mais rico em benesses naturais, enfim, os trópicos extrapolam o mero conceito geográfico; tornam-se, além disso, também a representação daquilo que os climas temperados, seu principal espaço dicotômico, não são, uma vez que são marcados por caracteres que apontam no sentido oposto àqueles característicos dos climas tropicais, já que estão calcados em ideais como o trabalho e a civilização, ideais bastante importantes nos idos do século XIX.

⁸ Aqui vale ressaltarmos que o clima tropical, desde os tempos clássicos, com Heródoto ou Hipócrates, mas especialmente no período compreendido entre o século XVIII e o início do século XX, com nomes como Montesquieu, Buffon, Raynal, De Pauw, Buckle, entre outros, foi objetivo de uma série de estudos comparativos em relação ao clima temperado europeu, e a ele foram atribuídas uma série de características que resultavam em atribuições negativas aos seus povos, sendo as principais a indolência, a lascívia exacerbada e uma pretensa imprevidência. Cf. GERBI, Antonello. *O novo mundo – história de uma polêmica 1750-1900*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. Desta maneira, os trópicos, nesse período em que trabalhamos aqui, eram retratados, de uma maneira geral, como avessos à civilização e inferiores em seus potenciais humanos, o que ajuda a explicar as posições dos autores da *Revue* em relação a esse Brasil tropical.

À vista disso, buscaremos analisar as visões que os franceses deixaram sobre a natureza tropical brasileira, mesmo quando ela aparenta estar apenas sendo elogiada, dentro desse jogo de valores e poderes do período. Será que mesmo os elogios, daqueles capazes de despertarem os brios nacionais, não guardavam sentidos que atestavam dominações, imperialismos e preconceitos? É isso o que buscaremos analisar em relação a esses escritos franceses sobre a natureza tropical brasileira.

Os franceses há séculos permeiam a história dos viajantes estrangeiros no Brasil, pois, desde os tempos coloniais, eles aqui estiveram e deixaram suas impressões sobre esse mundo distinto e tropical que se abria a eles. E se as rixas políticas europeias fizeram com que eles permanecessem proibidos de visitarem o Brasil por um tempo, o século XIX marca seu retorno.

Naquele momento, eles retornavam para novamente legar ao mundo seus relatos de europeus falando do outro, ressaltando as mazelas que encontravam, marcando o lugar que esse jovem País se encontrava – e deveria se encontrar – nesse mundo marcado por indústrias, ciências e imperialismos. Destacavam também aquilo que encantasse um europeu de terras frias e que, por mais elogioso que parecesse em um primeiro momento, também servisse para colocar esse Brasil tropical em um lugar predeterminado naquele mundo oitocentista.

Enquanto Thévet, Léry, Abbeville e todos os demais viajantes que, desde o século XVI, até meados dos setecentos, estiveram no Brasil estavam imersos ainda em um imaginário marcado pelo Renascimento, pelo maravilhoso, pelo mistério e pela visão do paraíso⁹, desde finais do século XVIII os viajantes europeus passaram a escrever de um universo marcado pelo que se convencionou chamar de *modernidade*.

Os pressupostos desse novo tempo traduziram-se em um processo de desencantamento que foi levado a cabo pela desintegração das concepções religiosas e pela inserção da Europa em uma cultura profana. Nesse sentido, essa modernidade foi marcada pelo desenvolvimento das ciências empíricas modernas, pela laicização da cultura e pela autonomização das artes, que criaram estruturas sociais distintas daquelas às quais se prendiam nossos primeiros viajantes. Novos paradigmas eram então colocados em pauta nesses escritos do século XIX, como a questão do trabalho, da propriedade e da marcha civilizacional¹⁰.

⁹ LE GOFF, Jacques. O ocidente medieval e o Oceano Índico: um horizonte onírico. In: _____. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980. p. 263-270.

¹⁰ BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002. p. 10-15.

No mundo do século XIX saem de cena então os medos dos demônios e a vontade de se catequizar – a qual ainda poderia existir, mas não com o intuito de conquistar almas, mas sim o de trazer selvagens para o universo da civilização, marcado pela ordem e pelo trabalho. Assim, o que passaremos a encontrar a partir dessa nova leva de estrangeiros que chegam, observam, atestam e escrevem, são viajantes que vinham desse novo universo marcado pela ciência e pela evolução, que estavam preocupados mais em como o Brasil iria se inserir na marcha da civilização, frente ao quadro natural e social de que dispunha, do que na busca pelo Éden perdido.

No entanto, o que queremos dizer é que, mesmo passados os séculos, mesmo tendo mudado as preocupações, certas visões, como aquelas que insistiam em trazer a natureza brasileira como bela e próspera – a qual podia não ser bem um paraíso tropical, mas uma fonte de riquezas a serem exploradas¹¹ – ou a crítica às suas gentes, agora respaldadas por um olhar científico, ainda permaneciam. Além disso, o que queremos mostrar aqui é como os viajantes franceses do século XIX encararam esses trópicos cheios de luz e de calor e fizeram correr pelos oitocentos suas visões de uma natureza que, embora capaz de encher os olhos, era capaz também de esconder muitos problemas, os quais somente a solução europeia poderia resolver.

Assim, este é o espaço da beleza e do elogio, e cabe a nós agora observarmos não só como as terras brasileiras, do ponto de vista de suas belas paisagens tropicais e de seu clima agradável, foram retratadas na *Revue des Deux Mondes*, mas também como – e se – aquelas primeiras boas impressões propagadas por seus conterrâneos, sejam eles de país, sejam de continente, apareceram no periódico francês oitocentista.

Se o esplendor tropical foi marca registrada dos escritos franceses no Brasil colonial, como atestam os dizeres de nomes como Jean de Léry, Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux e André Thévet, que não pouparam elogios às belezas tropicais que encontraram na então colônia portuguesa¹², no século XIX do Império brasileiro, local e tempo das visitas daqueles franceses que cá estiveram e que depois publicaram na *Revue des Deux Mondes*, a

¹¹ BARBATO, Luis Fernando Tosta. Os perigos do paraíso: a visão trágica da natureza brasileira no século XIX. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 5., 2009, Campinas. *Anais...* Campinas/SP: Unicamp, 2009.

¹² Todos foram membros das missões francesas que tentaram colonizar áreas do Brasil. Jean de Léry visitou o Brasil em 1557, na chamada França Antártica, situada no Rio de Janeiro. Já Claude d'Abbeville e o capuchinho Yves d'Evreux participaram da missão francesa na chamada França Equinocial, o primeiro em 1612, permanecendo por 4 meses, e o segundo durante os anos de 1613 e 1614. O franciscano Thévet permaneceu por 3 meses na chamada França Antártica durante o ano de 1555, em companhia de Villegaignon.

tônica das belezas tropicais não deixou de estar presente e de ser, mais uma vez, uma marca forte das representações sobre o Brasil.

Como sempre fora – afinal, mesmo entre os cronistas coloniais existiam as gentes primitivas que faziam o contraponto ao éden tropical –, o Brasil, que não deixou de apresentar problemas, continuando a não ser uma unanimidade, também não deixou de encher os olhos europeus com suas belezas naturais. Passava ano, passava século, e a mística dos trópicos da beleza e do encanto continuava viva, como podemos ver nos relatos presentes sobre o Brasil na *Revue*.

No que toca às belezas naturais, em quase todos os relatos acerca do Brasil há uma ou várias observações que relatam o espetáculo que somente o calor e a umidade característicos dos trópicos poderiam proporcionar, os quais muitos impactos causavam aos olhos daqueles viajantes, como podemos notar no trecho seguinte: “Enfim vós chegais ao cume das montanhas: vós paraís! Um oceano de florestas se abre diante de vós, imenso como o oceano de águas, sublime como ele, incomensurável, sem fim”¹³.

Ou ainda:

Ainda que eu viva séculos, a impressão que produziu sobre meu espírito a mistura de grandiosidade e graciosidade que rapidamente tomaram meus olhos estará sempre fresca em minha memória. Eu vi o clássico litoral da Itália; eu passei muito tempo em meio às românticas belezas da Suíça; eu percorri as margens pitorescas do Reno: mas as brilhantes criações do mundo europeu, com sua riqueza inesgotável de associações históricas e poéticas, jamais me fizeram experimentar esses sentimentos mistos de admiração e prazer, dos quais não pude me defender à vista da majestade sublime dessa obra-prima da natureza que é a baía do Rio de Janeiro¹⁴.

Os casos como os mostrados acima, nos quais as florestas se apresentam como infinitas e incomensuráveis e nos quais a grandiosidade das paisagens salta aos olhos estrangeiros, apresentando-se de maneira sublime – sendo a beleza natural exaltada –, são bastante comuns.

Nesse sentido, há uma série de relatos que comprovavam que os trópicos chamavam a atenção dos viajantes oitocentistas por sua beleza, exemplos que merecem ser aqui mostrados, para deixar claro que, se essa impressão não era unânime – mesmo que ela

¹³ LACORDAIRE, Théodore. Un souvenir du Brésil. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1832. p. 657.

¹⁴ ANÔNIMO. Souvenirs de l'Amérique – l'empereur Don Pedro. *Revue des Deux Mondes*: recueil de la politique, de l'administration et de mouer, v. 1, Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829. p. 115.

logo fosse matizada por uma série de problemas que chamavam a atenção do Brasil tanto quanto suas belezas o faziam, como é o caso das mazelas sociais que encontraram e de uma falta do dito progresso bastante palpável –, ela quase o era, pois, pelo menos na *Revue des Deux Mondes*, esse é um ponto que não só chama a atenção de praticamente todos os viajantes que escreveram sobre o Brasil nesse período, mas também ressalta o poder que essas imagens de um lugar agradável, lindo e paradisíaco ainda possuíam.

Há diversos exemplos que atestam nosso argumento: Chavagnes ressalta que a beleza natural do Rio de Janeiro é um consolo para o viajante que chega à cidade e se sente triste perante a vida tão distante que nela encontra¹⁵. Ferdinand Denis exalta Jean de Léry em razão de este ter conseguido driblar os preconceitos dos homens de seu tempo acerca dos nativos brasileiros e ter passado em seus relatos todo o encantamento que se vivia na natureza sublime e nas belas florestas do Brasil¹⁶. D’Assier também não se deixa negar o êxtase provocado não só pelo esplendor da paisagem e a harmonia do céu tropical em suas andanças pelas selvagens matas virgens do interior do Brasil¹⁷, mas também pela profusão de aromas e luminosidade que os olhos dos navegadores encontram ao chegar na costa brasileira¹⁸. Émile Adêt é outro que traz em seus relatos a grandiosidade da natureza brasileira e quão pitorescos são os lugares que encontrou¹⁹. Vale ainda ressaltarmos que a grande quantidade de aves e de

¹⁵ Como podemos observar no trecho: “Para superar a tristeza que toma o estrangeiro nos primeiros dias de sua chegada, é preciso o clima admirável do Brasil e a beleza das paisagens disponíveis por todas as partes em torno do Rio”. CHAVAGNES, M. L. de. *Le Brésil em 1844. Situation morale, politique, commerciale et financière. Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1844. p. 69.

¹⁶ “Enfim Léry surgiu e essas histórias absurdas tiveram menos crédito: dotado de espírito observador e de uma alma cheia de poesia, esse viajante compreendeu admiravelmente as nações entre as quais vivia e a natureza sublime pela qual esteve cercado; quase se chora de comoção ao vê-lo entoando salmos em meio a belas florestas do Brasil e quando, em sua efusão cheia de entusiasmo, ele partilha o sentimento que o anima com dois índios que o admiram sem compreendê-lo”. Cf. DENIS, Ferdinand. *Voyages dans l’intérieur du Brésil. Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes. v. 1-2, 1831. p. 406-407.

¹⁷ “Em torno da fazenda se estendem, por uma área de vários quilômetros quadrados, pés de café, pastos, campos de cana ou algodão, e, finalmente, na periferia, largas áreas ainda não exploradas de florestas virgens. Tudo isso é atravessado por picadas que, na maioria das vezes, especialmente na estação de temporais, não são mais que um monte de sulcos profundos, riachos enlameados, troncos arrancados e poeira grossa; mas que esplendor na paisagem! Que harmonia no céu!”. Cf. D’ASSIER, Adolphe. *Le Brésil et la société brésilienne. La fazenda. Revue des Deux Mondes*. Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863. p. 755.

¹⁸ “Essas colinas que eu já havia saudado em Pernambuco como uma aparição da terra prometida, eu reencontrei na Bahia e mais tarde no Rio de Janeiro, sempre inundadas de luz e de fragrâncias. É uma guirlanda de flores de mais de mil léguas ao longo da costa, que se reduz de tempo em tempo diante do curso de um rio impetuoso e se eleva ainda mais brilhante como que para fascinar os olhos do navegador. Nada é, com efeito, mais majestoso do que este anfiteatro de montanhas eternamente verdes que dominam as margens do Atlântico”. Cf. D’ASSIER, Adolphe. *Le Brésil et la société brésilienne. La cidade. Revue des Deux Mondes*. Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1863. p. 73.

¹⁹ “Quanto às redondezas da cidade [Rio de Janeiro], à parte alguns lugares pitorescos e as graciosas paisagens das ilhas da baía, nada há que se revele em toda sua grandeza a natureza brasileira”. Cf. ADÊT, Émile. *L’Empire du Brésil e la société brésilienne em 1850. Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1851. p. 1.083.

outros animais também encantou nossos viajantes, merecendo destaque em suas publicações, como foi o caso de Castelnau²⁰.

Poderíamos aqui elencar ainda uma série de outros exemplos dos elogios que os viajantes franceses da *Revue*²¹ prestaram à natureza brasileira, uma vez que eles são muito abundantes e que, como frisamos, estão em praticamente todos os relatos acerca do Brasil. Assim, podemos notar que a beleza dos trópicos é uma das principais distinções que existem em relação à natureza europeia, e a imensidão das florestas, as belas paisagens, a grande variedade de fauna e flora, os aromas e tudo mais que somente os trópicos podem oferecer são pontos que chamam muito a atenção dos estrangeiros, razão pela qual dificilmente passam incólumes em seus relatos.

Além disso, observamos que os relatos sobre o Brasil encontrados na *Revue des Deux Mondes* compartilham muitas semelhanças – mesmo se guardadas as devidas diferenças de tempo, espaço, contexto político, social e econômico –, com aqueles publicados séculos antes. Léry, Castelnau, Thévet, Adêt, Reclus, Abbeville, Assier, Chavagnes, Gonnevillle, Denis e todos aqueles que aqui apareceram, ainda que dispersos em um intervalo de tempo de quase quatro séculos, relataram as belezas naturais do Brasil – além de expor também problemas muito semelhantes.

Tais semelhanças não são frutos do acaso, visto que, além do fato de serem todos franceses, eles também eram viajantes, letrados e leitores, entre os quais circulavam

²⁰ “À medida que avançávamos na direção sul, os assentamentos se tornaram mais raros; mas também a variedade de pássaros aumentou constantemente. Entre os mais notáveis, eu citarei os tucanos, os jacamares, o belo pavão-do-mato, papagaios, periquitos, e uma série de belos beija-flores, tais como o diadema e o petasóforo. Logo vimos bandos de avestruzes americanos (nandus) que fugiram rapidamente à aproximação dos nossos cavalos”. Cf. CASTELNAU, Francis. L’Araguail – Scènes de voyages dans l’Amérique du Sud. *Revue des Deux Mondes*. Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848. p. 203. “A nossa estadia em Salinas não foi apenas tomada pelos preparativos para a excursão ao Araguaia, também fizemos várias empreitadas às redondezas. Entre as curiosidades naturais que nos impressionaram nessas caminhadas, devo mencionar um agradável lago conhecido como Lago das Pérolas. Encontra-se realmente em grande quantidade uma bela espécie de mexilhão de água doce cujas válvulas interiores são iridescentes e, por vezes, contêm pérolas de valor irrisório. Às margens desse lago, nós matamos, pela primeira vez, uma anhumã, um pássaro singular do tamanho de um peru mas com um longo chifre na testa. O povo de Salinas atribui maravilhosas virtudes a essa parte do animal e o vê como um remédio para todas as doenças. Outro magnífico habitante dessas árvores é a arara-jacinto, o maior dos papagaios conhecidos, e cuja plumagem é inteiramente de um violeta escuro. Ainda encontrou-se jacu-cigano, com uma poupa na cabeça, e que lembra os pássaros fantásticos que pintam os chineses; seu canto parece um grunhido penetrante. O jacu-cigano é muito comum nessas regiões” Cf. CASTELNAU, Francis. L’Araguail – Scènes de voyages dans l’Amérique du Sud. *Revue des Deux Mondes*. Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1848. p. 21.

²¹ Vale aqui ressaltarmos que, de todos aqueles que escrevem na *Revue des Deux Mondes* sobre o Brasil no período proposto para a pesquisa, apenas João Manuel Pereira da Silva não era francês, mas sim brasileiro. Émile Adêt se naturalizou brasileiro em 1860, mas era francês de nascimento. Cf. CAMARGO, Kátia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal: Editora da UFRN, 2007. p. 130.

experiências, imagens, ideias e representações prévias²². Não se pode dizer que essas impressões não eram genuínas, mas também não eram de todo originais, pois cada um já carregava em si percepções anteriores que não deixavam de permanecer em seus escritos.

Dessa maneira, viajantes²³, religiosos²⁴, colonos²⁵ e outros cronistas que por aqui passaram deixaram registros sempre marcados pelas maravilhas das belezas naturais ou pelo antiparaíso que os nativos conferiam ao Brasil. A verdade é que os trópicos sempre foram elementos importantes de distinção e explicação do Brasil, a natureza e as gentes definitivamente não eram iguais às que eles estavam acostumados na Europa, e a primeira precisava ser cantada, festejada, fato que se confirmou nessa análise das publicações da *Revue des Deux Mondes*.

No entanto, mesmo essas odes às maravilhas naturais brasileiras não escapam a jogos ocultos entre paisagens, descrições e representações, já que toda essa beleza marcada nas florestas, aves, rios e no imenso mar de nossa costa, que enchia os olhos europeus e era densamente relatada, como vimos anteriormente, também servia a um propósito bastante claro: marcar a diferença, chamar atenção para o fato de que essas terras tropicais ocupavam no globo um lugar distinto daquele ocupado pela Europa de onde tinham partido. É neste momento que podemos inserir tais descrições, mesmo aquelas aparentemente mais descompromissadas, com base naquilo que Edward Said chamou de *geografias imaginativas*.

Podemos dar início a esse assunto citando os seguintes versos:

Destes a perspectiva varia. Imensas planícies
Se estendem abaixo, prados intermináveis
E vastas savanas, onde o olho errante
Não fixo, está em um oceano verdejante perdido. Outra
Flora lá, de tons mais ousados

²² Segundo Miriam Moreira Leite, “pesquisas anteriores referentes a viajantes europeus e americanos que estiveram no Brasil no decorrer do século XIX revelaram, no caso dos naturalistas, uma articulação ainda não devidamente aprofundada entre as diferentes obras publicadas e conhecidas, manifestada sob a forma de correspondência sistemática; dedicatórias reveladoras de filiação teórica; protestos de obediência à programação estabelecida, notas e citações frequentes e encontros e desencontros internacionais em academias de ciências e museus”. Cf. LEITE, Miriam L. Moreira. Naturalistas viajantes. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 1, n. 2, nov.1994/fev.1995.

²³ Para conhecer de maneira mais aprofundada os viajantes que exaltaram as belezas da natureza brasileira, conferir: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de D. João*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

²⁴ Que deixaram em suas cartas, escritas pelos jesuítas, as primeiras boas impressões sobre a natureza tropical brasileira. Cf. HUE, Sheila Moura. *Primeiras cartas do Brasil (1551 – 1555)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 32.

²⁵ Os casos mais emblemáticos da exaltação da natureza brasileira por colonos que aqui se assentaram podem ser encontrados nos relatos de Pero de Magalhães Gândavo, que escreveu as obras *História da Província de Santa Cruz*, de 1576, *Tratado de Terra & História do Brasil*; e também na obra de Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogo das grandezas do Brasil*, de 1618, as quais, estudadas por Laura de Mello e Souza, também trazem, segundo a autora, a exaltação da natureza brasileira, apresentada como pródiga e rica. Cf. SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1986. p. 40.

E doces mais ricos além do orgulho do nosso jardim
 Joga sobre os campos e banha com mão súbita
 Primavera exuberante – pois frequentemente estes vales
 transformam
 Seus mantos verde-bordados em marrom de fogo,
 E rapidamente em verde novamente, a medida que sóis
 ardentes
 Ou orvalhos correntes e chuvas torrenciais prevalecem.
 Ao longo destas regiões solitárias, aposentadas de
 pequenas cenas de arte, a grande Natureza habita Em
 terrível solidão e nada é visto
 A não ser as manadas selvagens que não estão confinadas
 ao estábulo de um mestre
 Rios prodigiosos alimentam seu mar em engorda Em
 cujos ricos pastos meio escondido
 Como um cedro caído, muito difundido
 Envolto por escamas verdes, o crocodilo se estende²⁶.

A passagem anterior foi extraída do poema *The Seasons*, publicado em 1730 pelo escritor escocês James Thomson, e narra a experiência de se passar um verão na chamada “zona tórrida”²⁷. Aparentemente, tal relato, com exceção da experiência tropical que carrega, não apresenta uma ligação direta com os relatos publicados pelos viajantes da *Revue des Deux Mondes*, visto que foi publicado por um britânico, no século XVIII, e nem ao menos sobre o Brasil ele faz referência.

No entanto, esse pequeno trecho nos dá margem para adentrarmos, como dito, naquilo que Edward Said chamou de “geografias imaginativas”²⁸, conceito que muito nos interessa ao estudar os escritos europeus publicados na *Revue* acerca do Brasil.

Said, em sua obra *Orientalismo*, nos trouxe um princípio segundo o qual as entidades geográficas, no caso o Oriente e o Ocidente – associação que podemos ainda estender a outras dicotomias, como Trópicos e Zona Temperada, para não falarmos em Trópicos e uma Europa propriamente dita –, são historicamente construídas a partir de discursos.

Com base nas diferenças, forja-se um concorrente cultural, que ajuda a definir a Europa – ou o Ocidente –, como sua imagem, ideia, experiência e personalidade contrastantes, como nos diz Said. A prova disso é que um dos objetivos do livro é mostrar que a cultura europeia ganhou força e identidade comparando-se com esse “Oriente”, colocando-se perante ele como uma identidade substituta, a partir da qual ele fazia o papel do distinto, do subterrâneo, do clandestino.

²⁶ THOMSON apud MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800 – 1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 23-24.

²⁷ MARTINS, op. cit., p. 23.

²⁸ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; Id. Narrative, Geography and Interpretation. *New Left Review*, v. 1, n. 180, mar./apr. 1990.

A partir de relatos – acadêmicos, administrativos e literários – produzidos a partir de determinados olhares europeus, opera-se um processo de homogeneização e unificação de uma região vasta e diversa, como é o caso do Oriente ou do mundo tropical e desenha-se “o outro”, aquele que é diferente, que serve de contraponto à cultura europeia, inferiorizado na maioria das vezes mediante estereótipos que justificam e legitimam a dominação²⁹.

Após esse pequeno adendo sobre o conceito de Said, podemos voltar ao poema de Thomson. Por trás de seus versos que cantam as belezas dos trópicos, guardam-se desenhos de um “outro”, calcado na natureza e oposto à Europa da civilização.

Segundo Luciana de Lima Martins, no poema britânico, os trópicos são representados como algo além de uma zona geográfica, sendo um instrumento para diferenciar natureza e sociedades. A Europa, os jardins, as cocheiras do senhor são palavras que representam a própria cultura, em oposição a um oceano verdejante e ilimitado, habitado por feras selvagens, que representam os trópicos e sua natureza primitiva. Segundo a autora, se tal poema faz sentido, é porque ele consegue reunir um conjunto de imagens associadas à ideia convencional de uma natureza não europeia, que simultaneamente define a natureza europeia³⁰.

Assim, ao descrever as belezas naturais do Brasil, o viajante europeu não deixava de marcar a diferença em relação ao mundo do qual vinha³¹. Sabia-se há séculos que florestas opulentas, revoadas de pássaros coloridos e a profusão de animais e plantas por todos os lados que os trópicos proporcionavam não pertenciam ao domínio europeu, assim como a cultura e a civilização não pertenciam ao mundo tropical brasileiro³². Mas nesse jogo entre belezas naturais e civilização quem saía ganhando?

Para responder a questão, é de suma importância que lembremos de onde e de quando estamos falando: um século marcado pelo imperialismo, processo que Edward Said, mais uma vez, descreveu com primor, e que se encaixa perfeitamente nesse momento de nossa história, no qual marcar a diferença, mesmo que escondida em elogios eternos, se inseria na tônica de um momento onde um poderio sem precedentes que, segundo Said,

²⁹ SAID. *Orientalismo...* op. cit., p. 13-16.

³⁰ MARTINS, op. cit., p. 26.

³¹ Ana Maria Belluzzo enfatiza a importância dessas imagens difundidas pelos viajantes, que, segundo ela, ajudaram a construir a própria identidade europeia, “apontando modos como as culturas se olham e olham as outras, como estabelecem igualdades e desigualdades, como imaginam semelhanças e diferenças, como conformam o mesmo e o outro”. Cf. BELLUZZO, Ana Maria. A propósito d’O Brasil dos viajantes. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, jul./ago. 1996. p. 10.

³² Nesse sentido, Francisco Paz nos traz o exemplo de Ferdinand Denis, que, ao valorizar a natureza tropical do Brasil, potencializa aquilo que a Europa não é ou não tem. Cf. PAZ, Francisco de Moraes. *Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: UFPR, 1996. p. 247.

colocariam os grandes impérios do passado de Roma, da Espanha ou de Bagdá em uma posição diminuta, colocariam principalmente a França e a Inglaterra, mas também o dito *Ocidente*, de uma maneira geral, como grandes senhores dispostos a dominar³³.

E, desse modo, não podemos esquecer que temos nosso lugar de análise centrado em uma época de dominações, no qual esse Brasil tropical, bárbaro e inferior em sua posição, às margens da civilização, poderia muito bem ser inserido, fazendo esse papel do “outro”. Estávamos na *Era dos Impérios*³⁴, e, por mais que esses grandes países imperialistas não colocassem diretamente suas garras no Brasil, o jogo imperial de dependência e dominação, nas mais amplas formas, se mostrava. A definição abaixo, de Michael Doyle, cabe bem nesse contexto, pois ressalta que as dominações não precisavam necessariamente ser diretas para ressaltar o imperialismo do século XIX:

O império é uma relação, formal ou informal, em que um Estado controla a soberania política efetiva de outra sociedade política. Ele pode ser alcançado pela força, pela colaboração política, por dependência econômica, social ou cultural. O imperialismo é simplesmente o processo ou a política de estabelecer ou manter um império³⁵.

Ainda que não houvesse uma dominação explícita dessas novas potências europeias sobre o Brasil, é evidente que o Brasil não estava alheio a esse jogo. De uma maneira mais direta, quando fruto de interesses econômicos, a França queria estender seus negócios até as paragens do outro lado do Atlântico, ou de uma maneira mais indireta, quando se descreve como tão necessária para retirar o Brasil de sua condição de atraso e fazê-lo trilhar os caminhos do progresso, para, enfim, se equiparar aos tão poderosos países europeus.

Ainda segundo Said, o imperialismo continuou a existir e sobreviveu onde sempre existiu, imerso em uma espécie de esfera cultural geral e presente por meio de certas práticas políticas, ideológicas, econômicas e sociais. A América onde estava o Brasil era um desses lugares prontos para abrigar esse imperialismo que, embora relativamente dissimulado, ambigualmente ainda era tão evidente, principalmente quando o foco não era mais a natureza brasileira, mas sim a sociedade e suas gentes, momentos em que as vantagens do ser europeu, ou pelo menos portar-se à sua maneira, ficam mais evidentes.

As palavras seguintes, de Said, ressaltam essa questão:

³³ SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 38.

³⁴ Em uma clara referência à obra de Eric Hobsbawm. Cf. HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

³⁵ DOYLE apud SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 40.

As nações contemporâneas da Ásia, América Latina e África são politicamente independentes, mas, sob muitos aspectos, continuam tão dominadas e dependentes quanto o eram na época em que viviam governadas diretamente pelas potências europeias³⁶.

Tal relação também cabe para o Brasil no século XIX. É nesse meio que os viajantes da *Revue des Deux Mondes* descrevem o País, a partir daquilo que seria seu oposto, seu contraponto, às vezes de maneira mais direta, ao mostrar as mazelas de um país e de um povo atrasados culturalmente e ao ver na Europa a chave do sucesso para aqueles pobres trópicos; outras vezes de maneira mais sutil, indireta, em uma simples descrição de tudo aquilo que era diferente da sua Europa, momento no qual a natureza e o clima quase sempre ganham destaque. No entanto, como disse Said, a conjuntura imperial se deu não de maneira repentina, mas mediante uma presença continuamente reiterada e institucionalizada, na qual havia uma disparidade silenciosa e assumida entre a cultura francesa e as culturas subjugadas, relação que assumiu diversas formas diferentes, onde os intelectuais serviram de ideólogos e apologistas³⁷.

É claro que não podemos negar essa relação ao trabalharmos os intelectuais da *Revue des Deux Mondes* que, afinal, reiteravam as diferenças e inferioridades que justificavam a dominação – mesmo que em um primeiro momento apenas cultural – e se mostravam necessários, solucionadores, indispensáveis. E tudo isso deve começar pela marcação da diferença, afinal, que sentido faz levar uma cultura superior a outra cultura superior? Tornar-se necessário era, portanto, fundamental nesse caso.

O outro deve ser delineado, evidenciado, para então suas fraquezas ficarem evidentes. Esse processo de distinção, como bem temos frisado neste trabalho, começa mesmo onde ele parece mais distante, onde parece que as sensações são mais isentas e despreziosas: na descrição das belas imagens tropicais e do deleite que ocorria ao estar em meio a elas. Elogiar uma terra distinta podia guardar muito mais que simples momentos de êxtase e contemplação.

Nesse sentido, o trecho de Adolphe d'Assier nos serve de exemplo de como uma natureza magnífica estava distante da Europa que conheciam:

Atualmente, todas as colinas que avizinham as grandes cidades brasileiras estão cobertas de pés de cana-de-açúcar e de café, e é preciso atravessar caminhos intransitáveis para encontrar florestas primitivas que ainda não tenham sido

³⁶ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 51.

³⁷ *Ibid.*, p. 70.

atingidas pela lâmina do machado; mas se tem as emoções da estrada, do céu, da paisagem, e esse espetáculo faz esquecer todo o resto³⁸.

No trecho citado, fica claro para D'Assier que a natureza que se apresentava nos caminhos do interior do país era um verdadeiro espetáculo aos seus olhos, mas que essa beleza toda estava inculta nas florestas virgens do interior, onde os machados do colonizador ainda não haviam alcançado. Todo o espetáculo genuíno brasileiro, guardado em seu céu, suas matas e seus rios, parecia ruir perante a ação do agente transformador europeu. As plantações de cana-de-açúcar e café podiam ser positivas, pois eram o progresso, a riqueza – não aquela arrancada diretamente pela terra, mas aquela que dela era conquistada –, eram a civilização avançando; no entanto, a verdadeira beleza brasileira, aquela que verdadeiramente encantavam os forasteiros, justamente por ser distinto de tudo o que conheciam, era a mata intocada e inculta.

Assim, a estranheza é um fator capaz de provocar reações dúbias, tanto de afastamento quanto de fascínio³⁹. Perante esse quadro de estranhamento e fascínio concomitantes pela natureza brasileira, mais uma vez cabe a pergunta: nesse jogo entre belezas naturais e civilização quem saía ganhando?

D'Assier não era o único que em seus relatos transparecia o fascínio pelo diferente, pelo distinto, proporcionado por quadros naturais alheios à Europa natal. Émile Adêt não se resguarda em dizer que a natureza poderosa, imersa em sua própria desordem primitiva, parecia sair das mãos do Criador:

Salvo algumas cidades, algumas aldeias, algumas vastas plantações em clareira neste imenso território, descobrem-se constantemente matas virgens, montanhas colossais, cachoeiras gigantescas, toda a grandeza enfim, e por vezes toda a selvageria de uma natureza poderosa que, em sua desordem primitiva, parece sair das mãos do Criador⁴⁰.

No trecho anterior, que descreve as impressões de Émile Adêt durante suas andanças pelo Brasil, fica claro que não são as cidades ou as vastas plantações que encontra que lhe tocam a alma, mas sim as matas virgens, as montanhas colossais e as cascatas gigantescas. É o primitivo e o natural, perdidos há tanto no Velho Mundo, que são dignos de suas notas de enaltecimento e provocam o êxtase em seus sentidos. As cidades, as casas, as

³⁸ D'ASSIER, Adolphe. Le mato virgem, scènes et souvenirs d'un Voyage au Brésil. *Revue des Deux Mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1864. p. 549.

³⁹ SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza: ambiguidades do olhar viajante. *Revista USP*, São Paulo, v. 30, jun./ago. 1996. p. 125.

⁴⁰ ADÊT, Émile. L'Empire du Brésil e la société brésilienne em 1850. *Revue des Deux Mondes*: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1851. p. 1085.

igrejas e a gente mestiça também chamam a atenção do viajante francês, mas, acima de tudo, por serem cópias imperfeitas de seu mundo do que por algo em tudo distintas. A natureza seminal, que inundava todos os espaços dessa nova sociedade, com seu clima enervante, com sua pestilência, com sua abundância, era o que marcava a distinção, e mencioná-la, mesmo em momentos genuínos de admiração, era mostrar que o Brasil não era a França, definitivamente.

E não ser a França o colocava em uma posição de inferioridade, já que tudo aquilo era bonito, provocava sensações dignas de nota, mas era pouco para colocar o país em um patamar capaz de rejeitar uma aproximação com o progresso que somente a Europa poderia oferecer.

Nesse sentido, é importante também que ressaltemos a própria condição de viajante dos escritores da *Revue* – todos que publicaram no periódico sobre o Brasil também eram viajantes –, o que lhes conferia aspectos distintivos em seus textos. Afinal, o relato de viagem guarda suas particularidades, no momento em que reúne em um mesmo texto aspectos da história, da antropologia, da ficção, entre outros, configurando o olhar do viajante sobre o espaço e a cultura do outro, estando também preso à necessidade de narrar a novidade e o raro testemunho do outro.

Assim, nas descrições e nos relatos sobre o Brasil publicados na *Revue*, a presença do exótico, caracterizado principalmente pela distinção provida pela natureza tropical brasileira, se faz elemento frequente, pois se apresenta como o item capaz de provocar o deslumbramento e o interesse no leitor, o que ajuda a justificar sua presença maciça nos textos sobre o Brasil na *Revue*⁴¹.

Como nos trouxe Mark Mazower, ao trabalhar os relatos de viagens produzidos por europeus na Grécia do século XIX, que guardam muitas semelhanças com os relatos produzidos no Brasil do século XIX, os viajantes “estavam vendo exatamente o que vieram ver. Seus apetites culturalmente determinados precisavam ser satisfeitos”⁴².

Portanto, buscar esse insólito, esse raro, capaz de encantar o leitor e prender sua atenção, dizendo, também, o que eles queriam ler, faz parte do relato de viagem e explica por que as revoadas de pássaros, as imensas florestas, as belas paisagens e as grandes cascatas se mostram tão presentes. Afinal, havia toda uma gama de leitores a ser satisfeita, além de um escritor que já vinha com imagens e interesses preestabelecidos, e somente o exótico, o

⁴¹ ROMANO, Luis Antônio Contatori. Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporâneas. *Estação Literária*, Londrina, v. 10B, 2013. p. 38-43.

⁴² MAZOWER, Mark. *Salônica: cidade de fantasmas – cristãos, judeus e muçulmanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 200.

diferente, seria capaz de justificar suas empreitadas em regiões tão distantes. Atravessar o oceano, se embrenhar em matas, sofrer com perigos de ataques e doenças, só valeria a pena se fosse pelo distinto.

Assim, concluímos este artigo trazendo um ponto-chave dentro dos escritos publicados na *Revue des Deux Mondes*, e mesmo os de outros viajantes franceses que aqui estiveram, nos mais distintos períodos da história brasileira: a exaltação das belezas naturais.

A verdade é que, fundada tanto em mitos medievais quanto nos rígidos cânones da ciência oitocentista, a imagem que se propagou entre os franceses sobre a nossa natureza e o nosso clima tropical foi sempre, de maneira geral, positiva. Correspondia a impressões genuínas que, no fundo, não deixavam de marcar a diferença e a distância que esse lado do Atlântico se encontrava da civilização.

Os “alegres trópicos”⁴³ existiam, e os relatos não nos deixam negar o contrário. No entanto, esses trópicos paradisíacos tinham que conviver com problemas que saltavam aos olhos estrangeiros tanto quanto o faziam os papagaios e a grandeza dos rios. Problemas que começam a ganhar mais corpo ao voltar seus olhares para a sociedade, política e economia do país, tirando o foco da natureza, tornando esse embate entre civilização e barbárie mais nítido. Além disso, uma posição mais clara, que vai além da descrição de paisagens, também ganha corpo na *Revue des Deux Mondes*, e a necessidade de Europa se torna cada vez mais evidente.

Assim, se ao analisarmos os escritos da *Revue* sobre o Brasil do século XIX, fica claro que o país que aqueles viajantes franceses encontraram era deveras carente de civilização e necessitado de tudo o que o europeu poderia oferecer⁴⁴, ao analisarmos suas impressões sobre a natureza brasileira tal noção não fica clara, pois, afinal, estamos tratando de dizeres elogiosos, muito distintos daquelas críticas feitas a outras esferas.

Mas ao marcar a diferença, ao mostrar que o Brasil, a começar pela sua natureza – algo deveras importante para se pensar uma sociedade naquele tempo – definitivamente não era a Europa, já mostrava que o país estava do lado de lá, no “outro mundo” que o título da própria *Revue* traz, e como dissemos, nesse século XIX, marcado por um imperialismo poderoso, estar desse outro lado, não era, definitivamente, nada bom.

⁴³ Na expressão de Leyla Perrone-Moysés, ao trabalhar as descrições, carregadas de elogios, que os primeiros cronistas franceses legaram sobre o Brasil, ainda nos séculos XVI e XVII. Cf. PERRONE-MOISÉS, Leyla. Alegres trópicos: Gonneville, Thévet e Léry. *Revista USP*, São Paulo: USP, CCS, 1989.

⁴⁴ Um estudo aprofundado sobre a visão dos viajantes franceses sobre os problemas da sociedade brasileira oitocentista pode ser conferido na de Luis Fernando Tosta Barbato sobre o tema. Cf. BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Entre preconceitos, conceitos e impressões: o Brasil e sua condição tropical na Revue des Deux Mondes (1829-1977)*. Campinas, SP: [s.n.], 2015.